



O CON* DOR

BOLETIM INFORMATIVO

ANO XIV

NÚMERO 85

Jul-Ago/2008

Homepage: <http://57-BQ.org> | Webmaster: 57_18brasil@57-BQ.org | E-mail: Ocondor@57-BQ.org | Editor: 5755amorim@globo.com

RECORDAR É VIVER

Ousando interpretar o sentimento coletivo dos alunos de BQ e cadetes dos Afonsos de nossa época, a Redação selecionou os uniformes considerados os mais “vibradores”, motivo de orgulho que bem justificava o “gepegismo” de então.

1º Uniforme (Gala)



O Almir BL (57-87), que também atende pelos nomes de guerra Brandão e Lopes, ostenta sua farda de gala, na solenidade de entrega de espadim da turma anterior, acompanhado da namorada Maryla, como convidados especiais do Nicolau Policarpo. No ano seguinte, nosso colega e uma centena de outros vieram a orná-la mais ainda com o esplendoroso espadim. Demais, não?!

5º Uniforme (Passeio)



O Francalacci (57-153), sorridente, exhibe sua “baratéia”, confeccionada sob medida, portando suas indefectíveis luvas de couro. Fica a pergunta: será que o aluno de hoje experimenta tamanha emoção?

8º Uniforme (Vôo)



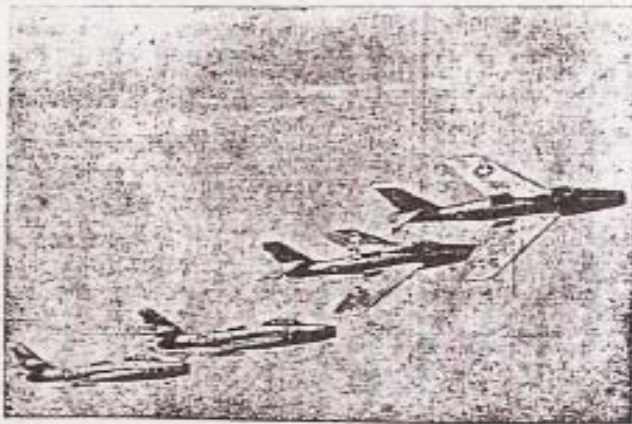
O macacão de vôo tinha de ser usado de forma bem descontraída, para dar ao cadete ares de “piloto rasgado”. O uniforme de vôo tornava-se pomposo quando o piloto usava o casaco com gola de lã, luvas, capacete e óculos de proteção. Na foto, o Almir e o Ferreira (57-103), que também atende pelos nomes de guerra Maurício e Chatuba, ainda cadetes do 1º ano, já planejavam o casamento logo após o aspirantado, o que, de fato, aconteceu.

CINQUENTENÁRIO DO ALBATROZ

De cada uma das cinco edições do Albatroz, sob responsabilidade da T.57-BQ, foi selecionado um artigo ora republicado neste número. A Representação da Turma gostaria de homenagear os companheiros que, como dito, com seu talento e sua abnegação, tornaram realidade um projeto que, em constante evolução ao longo de cinco décadas, tornou-se o órgão oficial da Sociedade Acadêmica da EPCAR (ou E.P.C.Ar, ou EPCAr, ou EPCdoAr, como preferirem os saudosos leitores). Esta singela homenagem é a divulgação dos nomes dos que produziram o Albatroz no ano de sua criação, em 1958, creditando-lhes o dístico: *Labor omnia vincit improbus*.
Diretoria do periódico: Diretor – Al.57-70 Celso de ANDRADE Teixeira; Redator-Chefe – Al.57-15 Carlos Alberto Fernandes NEVES; Diretor Cultural – Al.57-169 Walter de Freitas FELINTO; Secretário – Al.57-44 Carlos Alberto MONTERO; Desenhista – Al.56-138 Jorge LEE da Rocha; Repórteres – Alunos 55-11 José Roberto VIEIRA dos Santos, 57-18 Antônio Carlos de Assis BRASIL, 57-38 Fernando RÊGO Cabral, 57-46 Mauro Sérgio Pereira de BRITO, 57-52 Olavo de SOUZA Silva, 57-69 João GIOVENCO, 57-71 George William César de Araripe SUCUPIRA e 57-158 Paulo Roberto MARTINS FRANÇA. Articulistas colaboradores da T.57-BQ: Alunos 57-02 Celso Antônio Cardoso PERAZO, 57-51

Antonio de Carvalho de MORAES REGO, 57-68 Antônio Carlos da SILVA CAMPOS, 57-125 José Costa do VALLE, 57-140 Heclélino Martins GONZALEZ, 57-141 Claudiney FULLMANN, 57-161 Melchisedeck Ramos AMADO, 57-166 Décio ALBERNAZ, 56-96 Rodolfo DUARTE NETTO, 56-137 CLARINDO dos Santos; e 58-271 Luiz LAILO Silveira. Articulistas colaboradores da T.58-BQ: Alunos Jurandir, Carlos Alberto, Couto Filho, Kronenberg, Ubirajara, Nelson, Paim Caldas, Espindola, César e Barbosa Torres. Articulistas de turmas mais antigas: Carlos Alberto Brandão e Oswaldo França Júnior. Um agradecimento especial dos integrantes da TQP aos inesquecíveis mestres que participaram do projeto de implementação do Albatroz, com valiosas contribuições escritas e trabalhos de revisão: Prof. Jorge Aurélio Pôssa, Prof. Pupo Nogueira, Prof. Jorge Alves Pôssa, Prof. Altair José Savassi, Prof. José M. de Vasconcellos Junior, Prof. Newton Fonseca e Maj. Cruz Machado. Tudo isto faz parte da História da EPCAR.

Na página dois, retorno ao passado com as transcrições de algumas matérias do Albatroz.



Icaros da Glória

Na esquadilha, a sibilar,
Lá se vão homens guerreiros
Nos céus da pátria, a cruzar
Os horizontes fagueiros...

AL. SOUZA


Nº 1

Condorez audazes do ar,
Destemidos cavaleiros,
Que vivem a batalhar,
Pelo bem dos brasileiros.

Luzes fulgentes do azul,
Sob as estrelas do sul,
Com o emblema varonil.

Glórias sonhamos presentes,
Altaneiros e valentes,
Para o porvir do BRASIL.

(albatroz - maio/1958)



COLUNA Social

Nº 2

Colunista: AL. BRITO

AROUND SOCIETY

Primeiramente desejo agradecer às felicitações enviadas a este colunista pelo lançamento da primeira "Coluna Social". Assim sendo, aqui vai tudo aquilo anotado neste intervalo mensal.

EXCURSIONS

Realizaram-se as duas primeiras excursões desta Escola a Belo Horizonte. Estiveram excelentes em todos os aspectos, e aqui deixo as minhas congratulações a todos aqueles que de uma maneira ou de outra influenciaram para que estas se realizassem.

Como não poderia deixar de ser, há existia um espião desta coluna que me disse haver visto um "cadete" saboreando, numa elegante churrascaria, uns gostosos rabinetes com casca, raiz, e tudo o mais que é costume se comer. Coisas como estas, e mais algumas que evito citar, não devem ser "FRUITAS".

Outro episódio interessante foi aquele ocorrido quando o ônibus se aproximava do centro da cidade, e diz respeito a certa pessoa que após ajaltar o quêpi e a barafeta, com todo carinho, correu desesperadamente para a vidraça dianteira do veículo, a fim de que fosse notado pelo sexo frágil. Os "brotos" ao avistarem aquela "coisa", tiveram uma grande desilusão. Não é, CAMPOS?

Igualmente ruído boa a viagem da JEC a São João Del'Rei.

PARTIES

A comemoração máxima destes últimos dias foi, sem dúvida, a festa do aniversário desta Unidade, na qual notamos a presença de várias pessoas "bem" da sociedade barbacenense, entre as quais a nossa querida Marly. E por falar em Marly, venho notando que o Vieira de Souza anda constantemente cerado, o que demonstra estar "reagindo" à altura.

Das pares "in-love" ou quase "in-love" sobressaiu aquela que "desfilava silenciosamente".

Não devemos esquecer-nos da maninha de um colega nosso, que abafou no água. Usava um vestido bem "CURTISS".

Banho na chuva

Nº 3

AL. ANDRADE

Era mais ou menos dia 17 de março. Dia que parece comum com todos os outros, porém, trago-o na memória pois não havia um pinga d'água nas torneiras da Escola.

Dizia um certo capitão que era a "Guandu" de Barbacena que se havia quebrado... Ora, isso é política carioca e aqui não é muito bem recebida.

Um dia crítico, sem dúvida!

Os alunos da segunda esquadilha já estavam retornando da ginástica e, suados, recebiam, ao chegar a triste notícia que provocava em todos um descontentamento, às vezes, incontido. É certo que ninguém teve culpa... mas ficar sem tomar banho depois de uma física?

Passava-se o tempo e já estava quase na hora do rancho da tarde e a maioria ia-se conformando com a situação.

Eis senão quando um clarão iluminou os céus de Barbacena. Todos os olhares volveram-se em direção àquele luz que seria a salvação.

Começa a chover!

Ó bendita água que caiu em abundância e tirou de muitos corpos aquele cheirinho característico que nos deixa a "sugatória".

Foi um alívio geral. A brincadeira tomou conta dos banhistas de chuva e só cessou quando a corneta chamou-nos à mesa.

Tudo normal. Todos satisfeitos. Mais uma vitória sobre o impossível. Mais uma "viração" de alunos.

IMP. NA E. P. G. AR -:- TIR. 800 - BARBACENA -:- MINAS

(albatroz - julho/1958)

DECOLAGEM

Nº 5

VOO - 003

AL. SUCUPIRA

São Paulo. Em um dos bancos do aeroporto, estava eu sentado aguardando impacientemente o momento em que partiria para meu primeiro voo num "Douglas Dakota C47" do Correio Aéreo Nacional. Sentia o coração pulsar quase na garganta, tal era o misto de medo, vibração e ansiedade com que esperava o momento da partida.

Feita a chamada para o voo, encaminhei-me para bordo do avião, onde tomei o lugar que me correspondia.

Aquecidos os motores, o avião fez a rolagem pela faixa de taxi e estacionou na cabeceira da pista principal; aguardou alguns minutos até que lhe fosse dada a permissão da torre para a decolagem; assim que esta veio, a valente "garça" trovejou seus motores e saiu ganhando velocidade para deixar o solo. Meu coração acelerava proporcionalmente com a velocidade do avião. Decolamos.

A subida foi segura, rápida, precisa, quase não podia conter a satisfação que no momento me invadia.

O aeroporto foi diminuindo gradativamente, e do gigante de cimento armado que era diante de minha vista, já não passava de uma simples caixa de fósforo. Lá embaixo: correrias, agitações, ganchâncias e tudo que é peculiar aos racionais. Aqui em cima: a serenidade, a calma e todas as coisas próprias às criaturas celestes; até mesmo o ronco dos motores soava em meus ouvidos como uma sinfonia monótona. Que espetáculo!

As nuvens rechonchudas e fofas pareciam gordas personagens das festas de Baco. A solidão tudo invadia. Eu tinha a impressão que era dono do mundo, bem junto a Deus, bem alto, bem acima dos outros seres.

Todavia, dentro do avião o cenário era outro bem diferente: cabotes gaiolas, papagaios, criaturas pobres, uma multidão de coisas e homens alvejavam; um era o filho que corria para dar o último abraço no pai enfermo, outro era o jovem que procurava a metrópole para concluir seus estudos; um terceiro era o doente que procurava mudar de clima para recuperar a saúde, no entanto não possuía dinheiro para a passagem; assim como estes, havia outros que também não lograriam seus intentos não fosse a caridade desta arma que é a F. A. B.

A F. A. B., além de todas as funções que exerce, cumpre tarefas que não lhe tocam, como por exemplo essas que acima citei; com isso mantém o Brasil unido, pois nessa imensa terra onde as vias de transportes não são fartas, não fossem os aviões de nosso CAN, que levam incansavelmente a todos os cantos da Nação que seria dos homens que habitam estes longínquos rincões abandonados e exilados pela distância?

Mas este anjo de bondade, sereno

(albatroz - set-out/1958)

HUMORISMO

O Cadete se diverte

AL. VALLE

Filmes da Semana

Fuga Heróica — Horta (57-78)
 V. Eles e Eles — Jorge do Silva (56-10) e Pinto (57-62).
 Estouro de Bolada — Ungaretti (57-98) e Chagas (57-165).
 Viéses Amargos — Porroquedistas.
 De Destino Ninguém Foge — Repetição de 36.
 Submarino n.º 29 — Broga (56-101).
 O Homem que Sobio Demais — Freitas (57-29).
 Sublime Tentação — Gabá.
 Fantasma do Rua Morgue — Gomes 57-04.
 Um Fio de Esperança — Segundo Porcial.
 O Bôbo da Certe — Rocho (57-56).
 Cavalos Salvagens — Ungaretti (57-98), Chagas (57-165) e Luis Ribeiro (57-151).
 Maravilhas de Natureza — Silva Campos (57-58).
 Papai Fernilongo — com o Azevêdo.
 Aventuras do Bombo — com o Meio.
 O Fantasma do Ópera — com o Palmero.
 A Grande Mentira — com o Fernando.
 A Filha do Comandante — com o Cisne.
 A Rosa Encarnada — com o Dittmar.
 Disque 71 para Comprar — com o Sucupira.
 A Lei do Chicote — com o Drummond.
 A Casa de Chá do Luar de Agosto — com o Tenguem.
 O Cangaceiro — com o Régo.
 Sapatinho de Cristal — com o Dittmar e sua botina.
 E O Vento Levou — o inteligência do Porto.
 O Coração de Notre Dame — com Luis da Silva.

(albatroz - agosto/1958)

PASSEIO A ANDRELÂNDIA

A carinhosa acolhida

Tradição religiosa

No dia 22 de maio pp (quinta feira), em dois carros, os barbacenófilos rumaram para Andrelândia, onde eram esperados, na entrada da Cidade, pelo O. Lima e sua noiva Margarida. Sendo o Dia de Corpus Christi, os preparativos para a procissão que sairia da Igreja Matriz N. Sra. do Porto envolveram muitas pessoas, que enfeitaram as ruas do itinerário previsto com tapetes de serragem e flores, com emblemas e mensagens de escolas e outras entidades engajadas. A Margarida, professora de uma das escolas participantes, mostrou o tradicional trabalho da comunidade e também falou sobre o casario da Cidade, ainda com muitas edificações de estilo barroco bem preservadas. E, como não poderia deixar de ser, na caminhada (antes da procissão, claro), os “turistas” fizeram uma “parada técnica” para tomar uma cachacinha, algumas cervejinhas, com torresmo e chouriço de porco, iguaria bem *light* da região, cujo estoque remanescente o Horta comprou para levar consigo. Ninguém teve condições psicológicas de participar da procissão, depois de cometerem o pecado da gula. Olhares mais atentos observavam que, em outros tempos, valeria a pena a aproximação com as moças bonitas que se alinhavam para o ato religioso. Tempos bons, aqueles da Juventude Estudantil Católica.



Ao final da caminhada, a atenciosa Margarida chamou a rapaziada para um lanche na sua casa, um café colonial à mineira (com delicioso bolo de fubá, uai!). Em seguida, o grupo seguiu para a fazenda do O. Lima, pouco distante do perímetro urbano, onde seu filho Guto o aguardava. Como já era noite, somente foi mostrada a sede da Invernada O.L., assim chamada, em que todos foram acomodados. Em seguida, o anfitrião convidou-os à mesa para um lanche. E que mesa! Além de pratos típicos da região, foi servido um excelente vinho produzido ali mesmo em Andrelândia. O “papo rolou” até altas horas, relembando-se os tempos dos Afonsos, quando nosso líder revelou que a Turma serviu de cobaia para mudanças no ensino. Falou da construção de uma outra casa na fazenda, para morar com a Margarida após o casamento, que espera seja para breve. No “boa noite” a seus pupilos, definiu a programação do dia seguinte: incursão na área rural do Município.



Clarindo mostra suas habilidades de guri nascido em Campos e criado em Irajá. (Cavalo dos netinhos do O.Lima)

Após o café da manhã, com leite e mel de produção própria, O. Lima mostrou aos hóspedes o que existe em sua fazenda: nascentes de água de ótima qualidade; pastagem cultivada para os animais – gado bovino leiteiro e cavalos de montaria -, apiário, cafezal, olival e outras culturas ainda experimentais.

Visita à vinícola

Em uma van alugada pelo anfitrião, os “turistas” foram visitar a ABN – Agroultura Biguá Nandalina, cujas terras foram adquiridas com a ajuda do O. Lima. Com a visita agendada, aguardava o grupo o próprio empresário, Sr. Istvan, o qual, por feliz coincidência, tem forte ligação com os militares, porquanto é professor da ECEME.



Istvan e o filho João Carlos

O Sr. Istvan descreveu, com incrível clareza para quem é leigo no assunto, todo o processo de produção do vinho, desde o plantio da videira até a comercialização do produto. Tudo começa com a escolha do clima e do solo, a adubação deste, a seleção das mudas, a proteção da vinha contra o vento, insetos e ervas daninhas. As mudas são enxertos, com os cavalos de espécies californianas, por serem rústicas, e ramos enxertados de videiras oriundas de certas regiões da França; daí a diversidade de tipos de uva. Falou da colheita



Os visitantes posam diante da escultura de Baco.

e da moderna técnica de esmagamento das uvas; enalteceu o trabalho do pessoal da fazenda; e, na seqüência, mostrou as edificações e os equipamentos, seguindo o processo de

produção dos diversos tipos de vinho, desde a fermentação até o engarrafamento, em fases até difíceis de descrever neste espaço. Antes da comercialização, as centenas de garrafas são convenientemente armazenadas em ambiente e temperatura controlados. Após a explanação, passou-se à degustação. Todos os visitantes compraram vinhos, alguns até em quantidades generosas. Finalmente, os agradecimentos de parte a parte, no estilo ECEMAR. A visita foi muito proveitosa por ampliar os conhecimentos de todos sobre vinicultura. Também, ficaram conhecendo a experiência da ABN com a cultura de maçãs e pêssegos. Nosso novo amigo Istvan aguarda a visita de outros integrantes da TQP. (Consultem a página www.vinicolabn.com.br).

Almoço de confraternização

Enquanto os convidados do O. Lima estavam fora, ele incumbiu sua antiga cozinheira Nazaré de preparar o almoço para eles. Farto almoço: pernil de porco assado com tutu, frango com quiabo, angu e tudo mais da cozinha mineira. E, para variar, muita cerveja. Final da história: os barbacenófilos retornaram ao Rio 4,5 Kg mais gordos, com taxas de colesterol, triglicerídios e glicose de causar *frisson* a qualquer médico endocrinologista, mas muito felizes pela convivência mais próxima com o chefe, seus familiares e amigos de Andrelândia.

CONCURSOS DE O CON*DOR

Concurso de Mar-Abril/2008 - Prorrogado até 15Out2008 - “Celeiro de Vocações”. Quais foram os alunos da T.57-BQ que se dedicavam a atividades de Aeromodelismo, em Barbacena?

Concurso de Mai-Jun/2008 – Prorrogado até 15Nov2008 - “Redação” - Os participantes deverão desenvolver o tema “A magia do número de matrícula atribuído ao Aluno da EPCAR”. O vencedor terá seu trabalho publicado em O CON*DOR.

Concurso de Jul-Ago/2008 – Ao cumprimentarem o Almir BL e o Maurício Ferreira e suas distintas esposas Maryla e Edicléia pelos 45 anos e oito meses de feliz união, seus amigos de meio século solicitam a manifestação de outros colegas que se casaram como aspirantes (ou como cadetes), com vistas ao competente registro, com direito à publicação de fotos da cerimônia de casamento e/ou de “bodas de safira”. Este concurso vale para os colegas civis que contraíram matrimônio até setembro de 1963.



Os mesmos...

Srta. Ameli
Gabriela

PENSAMENTO DE O CON*DOR

“A natureza sabe o que faz: Nós não poderíamos ser bonitos mesmo não!”.

Afirmção do João Carlos (57-40), acompanhado de Luís Mauro (57-04) e Clarindo (56-137), em pose com a Rainha das Rosas, há seis anos. O “trio maravilhoso” andou divulgando que a foto foi tirada a pedido da moça, para dedicar à avó, que teria namorado o cadete mais lindo da Turma de 1957. (Teria sido o Francalacci, com aquela farda irresistível?).

Nota: Na verdade, a divulgação da foto tem por objetivo atrair outros companheiros para a grande Festa das Rosas e das Flores, em Barbacena, na segunda semana de outubro. Estão abertas as inscrições com o Horta.